

Jack London, o Super-homem, e o Cinema

Por Francisco Ribeiro*

O escritor norte-americano Jack London (1876-1916), continua, 80 anos após a sua morte, sendo um dos escritores mais lidos no mundo. Sua popularidade se deve, principalmente, ao seu caráter aventureiro. E, também, graças a habilidade, desenvolvida a duras penas, de contar histórias, em sua maioria autobiográficas: o mar, os barcos, a corrida do ouro, as planícies geladas do Alasca, a fome e o alcoolismo. Grande jornalista, London fez excelentes reportagens sobre a guerra russo-japonesa, a revolução mexicana, e o boxe.

London é célebre por ter exaltado o heroísmo, a abnegação, o esforço e o sucesso. Entretanto, esta é apenas uma de suas facetas. Como contraponto aquelas qualidades mencionadas, são interessantes seus perfis sócio-psicológicos onde ele ironiza a covardia, o ódio, o fracasso e a resignação. Socialista, ele escreveu milhares de páginas sobre a miséria e a luta do homem por condições dignas de sobrevivência, destacando, desta fase, O TACÃO DE FERRO, profético em sua antecipação do nazi-facismo.

Um dos lados menos explorados da vida de Jack London foi sua relação com o cinema. Em 1913, ele escreveu o seguinte artigo para o "The San Francisco Examiner":

"Eu prefiro ver um ator de cinema do que ser um. Esta é a primeira lição tirada de minhas experiências, desde que segui o pessoal de cinema ao redor da baía de São Francisco, enquanto elas rodavam a primeira parte do filme extraído do meu

romance 'O Lobo do Mar'. Era o início de uma tomada de vista, e a primeira vez que eu via rodar um filme. Passei um dos melhores momentos da minha existência. Fiquei surpreendido com a quantidade de trabalho necessário, e, particularmente, impressionado pela audácia e espírito aventureiro dos atores de cinema. Não há mais necessidade de ir ao Pólo Norte ou ao coração da África para arriscar a vida. Só é preciso se juntar a uma companhia de cinema e fazer com ela um passeio na Baía de São Francisco. Você terá todas as emoções que puder suportar, e, talvez, um pouco mais."

A ligação de London com o cinema aconteceu cinco anos antes dele escrever esse entusiasmado artigo para o "The San Francisco Examiner". Em 1908, David Wark Griffith adaptava para a tela FOR LOVE OF GOLD (POR AMOR AO OURO). Até a sua morte, em 1916, London seguirá de perto a adaptação de várias de suas obras, a maioria feita pelo produtor, diretor, roteirista e ator Hobart Bosworth. É dele a primeira versão para o cinema de O LOBO DO MAR (1913), cuja produção, na época, foi orçada em 40 mil dólares.

O LOBO DO MAR (escolhido como um dos temas da Disciplina CINEMA E LITERATURA) é, das obras de London, a que teve mais adaptações para a tela: dez. A mais famosa foi a realizada em 1941, dirigida por Michael Curtiz, e

roteirizada por Robert Rossen e Seton I. Miller. Esta versão, indisponível no mercado de vídeo brasileiro, conta com a participação dos atores Edward G. Robinson, Ida Lupino, John Garfield e Alexander Knox. A última, realizada em 1993, sob a direção de Michael Anderson e roteiro de Andrew J. Fenady, teve como protagonistas Charles Bronson, Christopher Reeve e Catherine Mary Stewart. E sendo a única versão disponível em vídeo nas locadoras de Porto Alegre (exceto a horrorosa produção italiana IL LUPO DEL MAR, de Giuseppe Vari, com Chuck Connors), fomos obrigados a nos contentar com Bronson e Cia. E aqui, meu caro Jack, aceite nosso pedido de desculpas.

Jack London tinha 28 anos quando publicou O LOBO DO MAR. Já era um escritor famoso, e antes mesmo da aparição do livro nas livrarias, tinham, sido encomendados 40 mil exemplares. Romance de atmosfera marítima, O LOBO DO MAR, na verdade, repousa sobre a seguinte questão filosófica: Podem os fortes oprimir os fracos?

Originário de uma pobre família dinamarquesa, o jovem Larsen, apelidado de “lobo”, mas com uma alma de tigre, se tornou, antes dos quarenta anos, capitão e proprietário do veleiro Fantasma, e um empreendedor de sucesso no negócio de caçar focas. Procedimentos de pirata, ignorância de qualquer escrúpulo, tripulação mantida a força, nada detém Larsen, pelo contrário, o terror e o inferno criado por ele a bordo apenas confirmam o poder da sua vontade. A este comportamento, se opõe Humprey Van Weyden, hóspede involuntário do Fantasma, um esteta mundano e crítico literário de São Francisco. Entre Larsen e Van Weyden haverá uma longa controvérsia filosófica opondo força e idéia, ordem e justiça, individualismo e solidariedade, destinado a desmontar as idéias do super-homem de Nietzsche.

Agora, voltando a adaptação dirigida por Anderson: é possível imaginar um embate filosófico entre Bronson e Reeves? Poderíamos idealizar, por exemplo, a dupla Marlon Brando e Jeremy

Irons. Bem, talvez haja uma certa ironia em Anderson, deslocando Christopher “super-homem” Reeves para o papel de Van Weiden. Não importa, o filme, ou melhor, tele-filme de Anderson é fraco e sua validade, se existe, é a de estimular o espectador, menos sedentário, a ler a obra.

London, apesar do sucesso do livro, ficou decepcionado pelo fato de O LOBO DO MAR ter sido tomado por um romance de aventuras. Ele que sempre rejeitou a teoria da “arte pela arte”, e considerava o romance como um instrumento de exposição para um problema filosófico ou social, faz o seguinte comentário numa carta enviada a romancista Mary Austin, em 1915:

“Eu escrevi muitos livros que falharam no seu objetivo. Há alguns anos eu ataquei Nietzsche e sua teoria do super-homem. Foi no ‘Lobo do Mar’. Muitas pessoas leram o ‘Lobo do Mar’, mas ninguém percebeu que se tratava de um ataque a teoria do super-homem.”

Trata-se de uma reflexão sincera, mas London parece esquecer que é o vigor, físico e intelectual, que constitui o charme principal de muitos dos seus personagens. Em MARTIN EDEN (1908), talvez seu melhor livro, ele descreve como um operário se torna um escritor de sucesso. Já o herói de RADIOSA AURORA (1911), após se tornar um grande negociante, prefere uma idílica volta a natureza. Tanto em MARTIN EDEN, quanto em RADIOSA AURORA, o autor faz uma profunda crítica ao individualismo exacerbado, opondo-lhe valores solidários. Não importa, o que vale para o leitor de Jack London é a capacidade de superação dos seus personagens. Charme é energia.

**Mestre em Linguística pela Ecole Practique des Hautes Etudes en Sciences Sociales de Paris, jornalista, cineasta e professor da disciplina de Literatura e Cinema, do Curso de Especialização em Produção Cinematográfica da FAMECOS/PUCRS.*